



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

CIÊNCIA PÚBLICA AS POSSIBILIDADES DA DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO ATRAVÉS DA ENTREVISTA RADIOJORNALÍSTICA¹

Fabiana Hundertmarck Leal – Jornalista

Paulo Roberto de Oliveira Araujo – UFSM

RESUMO

Verificar se na entrevista radiojornalística o entrevistado abdica do jargão científico em prol da democratização do conhecimento é o objetivo geral deste trabalho. Para tanto, foi produzido o programa de entrevista radiojornalística *Ciência Pública*, que teve como entrevistados pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria. Os programas foram gravados para fins de análise de linguagem. Os projetos de pesquisa, com os quais trabalhamos, e que serviram como base para o programa, foram escolhidos pelo tema e não pelos autores. Os pesquisadores da UFSM entrevistados evitaram, ao máximo, o uso dos termos técnicos, apesar de não ter sido dada nenhuma orientação (propositalmente) quanto a esse aspecto. Constatou-se que o pesquisador da UFSM é capaz de acompanhar uma orientação de entrevista coloquial; própria da linguagem do rádio.

Palavras-chave: **Jornalismo Científico, radiojornalismo, entrevista radiojornalística**

1. Introdução:

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Cada meio de comunicação de massa apresenta uma codificação diferente na formulação do texto da notícia. Os veículos de comunicação padronizam suas matérias na busca de uma narração que possa ser entendida ou decodificada por pessoas com diferentes repertórios ou culturas.

A codificação da mensagem informativa ou noticiosa dos veículos de comunicação de massa apresentou várias mudanças relevantes ao longo do tempo. Constituiu um grande processo evolutivo no qual os próprios veículos foram aprendendo a codificar suas mensagens de acordo com os canais utilizados. Estabeleceu-se uma linguagem própria para cada veículo, de acordo com as peculiaridades de sua recepção por parte da massa e suas características específicas. (Elcias Lustosa, 1996, p.67)

Nas universidades, onde são realizadas a maioria das pesquisas, o uso do jargão científico - gíria profissional, difícil de ser compreendida por todas as pessoas – é, muitas vezes, inevitável.

Assim, nos propomos a verificar se, motivados por uma linguagem acessível, clara e objetiva, numa entrevista radiofônica, os pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria abdicariam do jargão científico em prol da democratização do conhecimento.

Produzimos e veiculamos o programa radiojornalístico *Ciência Pública* – uma série de nove entrevistas - na Rádio Universidade. De acordo com os critérios de interesse social, contribuição para o desenvolvimento da ciência (relevância temática), utilidade para a comunidade específica, profissional ou leiga escolhemos quatro para analisar.

O projeto *Ciência Pública: as possibilidades da democratização do conhecimento através da entrevista radiojornalística* apresenta quatro capítulos: *Jornalismo Científico, O Rádio, Entrevista radiojornalística e Ciência Pública.*

2. O Jornalismo Científico



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O Jornalismo Científico diz respeito à democratização do conhecimento, através da divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa. Para Isara Bock (1994) essa área do Jornalismo também tem a função de servir como um instrumento de educação permanente e de contribuir para a elevação do nível de vida da sociedade, divulgando notícias de interesse e abrangência social.

“Difusão, disseminação e divulgação científica” têm significados diferentes. A disseminação científica refere-se à transferência de mensagens elaboradas em linguagem especializada a receptores seletos e restritos. A difusão e a divulgação científicas têm um público formado tanto por especialistas quanto por não-especialistas e, por isso, as mensagens são elaboradas em uma linguagem de fácil compreensão.

Divulgação Científica e Jornalismo Científico também não significam a mesma coisa. Ambos se destinam ao chamado público leigo, com a intenção de democratizar as informações (pesquisas, inovações, conceitos de ciência e tecnologia), mas a primeira não é, necessariamente, Jornalismo. O Jornalismo Científico é um caso particular de divulgação científica. É uma forma de divulgação endereçada ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística.

2.1. Um breve histórico

O Jornalismo Científico despontou no século XVI, quando os cientistas enfrentavam a censura do Estado e da Igreja. A troca de experiências e a divulgação de descobertas eram realizadas às escondidas e, deram origem à divulgação oral do temas científicos.

A *Accademia Secretorum Natuerae*, em Nápole-Itália, é considerada a primeira sociedade científica que se tem registro (Warren Burkett,1990). Ela surgiu em 1560, em plena Inquisição Feudal. Mas foi 1665, que a prática do Jornalismo Científico foi criada como tal. Oldenburg publicou o *Philosophical Transaction*, da Royal Society. Ele traduzia pesquisas de diversos idiomas para o inglês ou latim.

No ano de 1919, a *American Chemical Society* estabeleceu um serviço de notícias sobre ciência. Este foi o primeiro do gênero, fundado por uma



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sociedade científica, nos Estados Unidos. No período pós-guerra, várias revistas de divulgação científica se consolidaram.

No Brasil, a prática do Jornalismo Científico coincide com o surgimento das universidades. Em 1930 é criada a Universidade de São Paulo – USP e o jornal O Estado de S. Paulo amplia o espaço ao Jornalismo Científico. No fim da década de 40, é fundada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, fato que contribuiu para que o jornal Folha de S. Paulo abrisse mais espaço à área.

O Brasil tem uma larga tradição no Jornalismo Científico e alguns pesquisadores da história do Jornalismo. O mais antigo profissional de Jornalismo Científico no Brasil, José Reis, contribuiu tanto com o Jornalismo quanto com a Divulgação Científica. A USP mantém, há muitos anos, o Núcleo José Reis que promove, sistematicamente, cursos, edita publicações e realiza pesquisas em Jornalismo Científico. José Reis também é o nome de um concurso nacional para premiar iniciativas na área do Jornalismo e da Divulgação Científica.

A exemplo de outros países, também temos uma Associação de Jornalismo Científico, a ABJC, constituída por cerca de 400 sócios. Merece menção aqui a participação, desde o seu início, do Dr. Júlio Abramczyk, médico e jornalista, redator médico da Folha de São Paulo.

2.2. A difusão do conhecimento

A comunicação científica é um processo complexo de produção, difusão e uso adequado da informação aceita como parte do movimento construtor do conhecimento científico.

O jornalista que trabalha com a divulgação da ciência tem a função de passar o conteúdo da mensagem científica de maneira clara, objetiva e precisa.

O jornalista, entendido como agente de transformação social, está comprometido com a sociedade e com a democracia no seu sentido mais amplo. Já o profissional que trabalha como o Jornalismo Científico deve estar comprometido com a democratização do conhecimento, o que dá a essa tarefa um caráter



educativo e conscientizador. (Veridiana Pivetta de Mello, 1993, p.16)

2.3. A relação jornalista/pesquisador

“A prática do Jornalismo Científico, como é de se supor, apresenta múltiplos desafios. A começar pela histórica e acirrada desconfiança dos profissionais de ciência em relação ao trabalho jornalístico” (Tânia Ramos, 2001, p.267).

A UFSM vem estudando o Jornalismo Científico há alguns anos. São, no mínimo, seis monografias já realizadas no Curso de Comunicação Social. No entanto, não havia nenhum registro de uma pesquisa que verificasse a opinião dos pesquisadores sobre Jornalismo Científico. Na pesquisa “A relação entre o Pesquisador e o Jornalista – Uma Experiência no Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria”, da jornalista Sâmia Garcia, foi constatado que a maioria do público consultado concorda que a Universidade deve ser responsável pela formação de jornalistas científicos e pela divulgação de pesquisas realizadas.

Porém, um dado apresentado pela pesquisa é preocupante. Apesar de 74% dos professores do CCR consultados, terem respondido que permitiriam que o jornalista científico divulgasse suas pesquisas, muitos acreditam que o jornalista não é capaz de fazer a recodificação da linguagem, ou esta não é a sua função. Esse é um dos motivos pelo qual José Hamilton Ribeiro (2001) defende que o consórcio entre jornalista e pesquisador é necessário para um bom jornalismo científico.

2.4. Volume e qualidade do material

O progresso da ciência depende da capacidade do público de compreendê-la. Para isso é necessário sistematizar, aumentar e qualificar o volume e os conteúdos da informação científica que chegam a esse público.

Os estudos na área de comunicação têm demonstrado a necessidade de um número maior de pesquisas referentes ao Jornalismo Científico. Nos trabalhos já



desenvolvidos, há um consenso entre os pesquisadores no que diz respeito à necessidade de popularizar o conhecimento científico. Cada vez mais o homem procura fazer com que os fatos científicos favoreçam o desenvolvimento social.

Há vários fatores que dificultam ou impedem que a divulgação da ciência chegue ao público leigo. No caso da UFSM, 70% dos professores do Centro de Ciências Rurais já publicaram pesquisas científicas em veículos jornalísticos. “O resultado mostra que a sociedade está sendo informada a respeito do que acontece dentro das universidades e instituições de pesquisa e que grande parte dos professores contribui para isso” (Sâmia Garcia e Eugênia Barrichello, 2001).

Outra demonstração de que a UFSM está dentro dos preceitos de Universidade pública, prestadora de serviço à comunidade são os programas realizados pelo projeto Rádio Escola, como o “Ciência no Ar” (documentário sobre ciência) , “Rádio Ativo” – programa de debate, que dependendo da escolha do tema, pode ser um exemplo de Jornalismo Científico. Ambos são realizados pelos acadêmicos do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, sob a coordenação do professor Paulo Roberto de Oliveira Araujo. Ainda, na Rádio Universidade, há o programa “Campus da Gente”, produzido e apresentado pelos profissionais da Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM e Rádio Universidade, Áurea Evelise Fonseca e Roberto Montagner.

2.5. A dependência internacional e de capital

A existência de uma economia fechada e a ausência de uma lei de patentes atrasaram enormemente o desenvolvimento tecnológico brasileiro. (..) Hoje o quadro é totalmente diferente. Com a abertura da economia, as empresa nacionais passaram a competir com as estrangeiras de quem copiavam ou compravam a tecnologia. Essa desvantagem tornou claro para todos a importância do desenvolvimento tecnológico autônomo. (Luiz Nassif, 1999, p.7)

José Marques de Melo (1982) acredita que o Jornalismo Científico não é e não tem sido uma atividade voltada para a democratização do conhecimento, para a divulgação daqueles processos de produção de conhecimento novo, capaz de



adquirir relevância social. “Tal como tem sido concebido e praticado entre nós, o Jornalismo Científico converteu-se em instrumento de transferência tecnológica e manutenção de poder”, desabafa.

“A cada dia, registramos o compromisso da imprensa (...) com os interesses das chamadas elites nacionais” (Wilson da Costa Bueno, 1982, p.7). Para este autor, o divulgador científico nacional, com poucas exceções, tem estado a serviço dos produtores internacionais de tecnologia.

Apesar desses entraves, a pesquisa científica é uma realidade. Ela é gerada, aplicada e precisa ser divulgada. E embora o Brasil tenha experimentado um grande desenvolvimento científico nas últimas décadas, nem sempre as conquistas nesse campo chegam ao grande público.

Uma exceção foi o caso da bactéria *Xylella fastidiosa*. A bactéria causa a praga do “amarelinho”, que danifica laranjais.

A amplitude do noticiário associado a esse feito extrapolou os limites geralmente tímidos que cercam a cobertura da ciência e da tecnologia no Brasil, comprovando a tese de que a boa ciência será (ou deveria ser) sempre notícia. (Bueno, 2000, p.7)

2.6. Interesse social e sensacionalismo

O que é notícia? Em sua definição mais reduzida, dizemos que é a técnica de relatar um fato. A notícia descreve fatos que emocionam e que despertam o interesse social. E a ligação entre interesse social e notícia tem, muitas vezes, correlação com um terceiro fator: o sensacionalismo. Além de narrar o fato, a notícia agrega ou até mesmo exige um tratamento sensacionalista para interessar quem vai consumi-la. Para Virgínia Bicudo *apud* Lustosa (1996, p.32), sensacionalismo é “uma forma de comunicação que apela às emoções primitivas por meio da apresentação de fatos que têm características incomuns, místicas ou sádicas, idealísticas ou monstruosas, fatos que são ao mesmo tempo desejados, temidos e repelidos”



3. O rádio

O rádio é um dos meios de comunicação de massa ou mass media. O termo radiodifusão indica a dispersão da informação produzida, que abrange cada país, cada localidade, cada lar que esteja ao alcance do transmissor. Portanto, o potencial de comunicação do veículo é muito grande.

A linguagem é o elemento que diferencia a notícia nos diversos meios de comunicação. No caso do radiojornalismo é consenso que a linguagem tenha três características principais: clareza, simplicidade e concisão. Levando em conta que o rádio é só audição, essas características se justificam. (Mello, 1993, p.9)

3.1. Histórico

Oficialmente, tudo começou com o alemão Rudolf Heinrich Hertz que estudou as ondas eletromagnéticas, descobrindo que os sinais eletromagnéticos se propagavam em forma de ondas, abrindo caminho para a invenção da telegrafia sem fio, do rádio e da TV. O italiano Marconi partiu de experiências como as de Hertz. Criou emissores e receptores e registrou o rádio no Departamento de Patentes Inglesas.

Embora o senso comum atribua a invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi, pode-se afirmar que a radiodifusão sonora constitui-se no resultado do trabalho de vários pesquisadores em diversos países ao longo do tempo, representando o esforço do ser humano para atender a uma necessidade histórica: a transmissão de mensagens a distância sem o contato pessoal entre o emissor e o receptor, origem dos serviços de correio e dos primitivos sistemas de comunicação por sinais (...). (Luiz Artur Ferraretto, 2000, p.79-80)

A importância do trabalho de Marconi não está sendo desconsiderada. Mas muitos autores atribuem a invenção do rádio ao italiano porque a sua empresa detinha patentes



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sobre diversos inventos que ele soube – e aí está o seu grande mérito – aprimorar, desenvolvendo novos e mais potentes equipamentos.

Embora o surgimento do rádio esteja associado a nomes como Marconi e Hertz, muitos sustentam que o pioneiro da radiofonia foi o padre brasileiro Landel de Moura em 1892. O padre gaúcho realizou experiências com um rústico aparelho através do qual transmitiu vozes sem o emprego dos fios.

A primeira emissora a operar no mundo foi a Pittsburg, em 1920, transmitindo os resultados das eleições norte-americanas. Em meados da década de 40, havia, em média, 1,5 receptor em cada moradia dos Estados Unidos. Durante a Segunda Guerra, a indústria do rádio colocou todos os seus recursos à disposição do governo. Informação sobre a guerra, venda de bônus de guerra, campanhas para reduzir o consumo de bens em falta, nunca o rádio foi tão usado como nesse período.

3.2. O rádio no Brasil

A primeira emissora inaugurada, oficialmente, no Brasil foi a Corcovado, no Rio de Janeiro. A inauguração foi durante as comemorações do centenário da Independência do país, no dia 7 de setembro de 1922, com a transmissão de um discurso do então presidente da república, Epitácio Pessoa. A emissora funcionou poucos dias por não ter como manter uma programação diária.

Gisela Otriwano (1985), no entanto, elege 20 de abril de 1923 como a data da implantação do rádio no Brasil, quando começou a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquete-Pinto e Henry Morize. Esta foi a primeira emissora a requerer sua legalização na repartição geral dos Telégrafos.

Por outro lado, Mauro Almeida afirma que a primeira emissora a funcionar no país foi a Rádio Clube de Pernambuco, fundada por Oscar Moreira Pinto e vários amigos, com a primeira transmissão feita em 6 de abril de 1919.

O radiojornalismo tem se desenvolvido gradativamente no Brasil. Ferraretto & Kopplin (1992) contam que desde o surgimento do Repórter Esso, em



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

1941, o radiojornal vem ocupando alguns espaços deixados pelo entretenimento, base da programação até o início dos anos 60.

3.3. Rádio Universidade

A Rádio Universidade, que integra a Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) está no ar há mais de 30 anos. Ela foi fundada no dia 27 de maio de 1968. Hoje tem como diretor o radialista Roberto Montagner.

Com uma programação voltada à comunidade regional dedica espaço ao Jornalismo geral, esportivo, informação científico-cultural, música e variedades, cobertura de eventos nativistas e à divulgação da UFSM.

Além de servir de canal de comunicação para os técnico-administrativos – por meio do seu sindicato -, a emissora é utilizada como laboratório dos acadêmicos do Curso de Comunicação Social da UFSM. Através do projeto Rádio-Escola, coordenado pelo professor das disciplinas de Radiojornalismo do Curso de Comunicação Social, Paulo Roberto de Oliveira Araujo, os alunos têm um espaço garantido na grade da emissora.

4. A entrevista

Entrevista é, fundamentalmente, a indagação de alguém sobre um assunto de interesse geral, visando ao maior esclarecimento do público. O ato de entrevistar requer espontaneidade. Dar indicação de que uma entrevista foi ensaiada pode prejudicar a credibilidade do entrevistado, do entrevistador, do programa e também da própria emissora de rádio.

“Em veículos de comunicação como o rádio, ela adquire importância ainda maior porque é capaz de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a emoção” (Barbeiro e Lima, 2001, p.46). Uma boa entrevista revela novos conhecimentos, esclarece fatos e marca opiniões.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica“ (Cremilda Medina, 1990, p.5). A autora defende que uma entrevista fria nas relações entrevistado/entrevistador não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo.

5. Ciência Pública

No programa radiojornalístico *Ciência Pública*, nos propomos a verificar se, motivados por uma linguagem acessível, clara e objetiva numa entrevista radiofônica, os pesquisadores da UFSM abdicariam do jargão científico para facilitar a compreensão e democratizar o conhecimento do público, através do nível coloquial, típico da conversação diária, em situações informais ou descontraídas.

A escolha dos projetos concluídos em 2000 levou em consideração os seguintes aspectos: interesse social; contribuição para o desenvolvimento da ciência – relevância temática; utilidade para a comunidade específica, profissional ou leiga; idéias e fatos relativos ao tema deveriam ser discutidos e comunicados de modo sistematizado e lógico e a partir de um marco teórico existente; redação clara e concisa para ser compreendida pelo entrevistador e, logo em seguida, pelo ouvinte; o projeto já deveria apresentar resultados concluídos, para evitar possível inacessibilidade às pesquisas.

Entramos em contato com o pesquisador, pessoalmente ou por telefone. Então, delimitávamos o tema, dizíamos o tempo de duração do programa – 15 minutos. O pesquisador não tomou conhecimento de que o produto final da sua entrevista seria utilizado para fins de análise de linguagem, no projeto *Ciência Pública: as possibilidades da democratização do conhecimento através da entrevista radiojornalística*.

Apesar do programa não ser ao vivo, optamos por não editar as gravações. Esta escolha se deve ao fato de estarmos analisando a linguagem utilizada pelos pesquisadores da UFSM e qualquer corte poderia implicar erros, equívocos e reduzir a precisão da pesquisa.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Foi gravada uma série de nove programas. Escolhemos para analisar as quatro entrevistas que mais vieram ao encontro do objetivo do projeto: “História de vida”, professora Amanda Eloina Scherer, do Curso de Letras Português/Francês do Centro de Artes e Letras da UFSM; “Pessoas portadoras de deficiências e a atividade física”, professor Sérgio Carvalho, diretor do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM; “Estimativa da idade óssea através da análise de imagens digitais”, professora Ana Maria Marques da Silva, do Departamento de Física do Centro de Ciências Naturais e Exatas da UFSM e “O impacto da diabetes no cotidiano dos portadores”, enfermeira Adelina Giacomelli Prochnow, professora do Departamento de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da UFSM. Examinamos aspectos como a seleção lexical, particularmente o uso de termos especializados e a utilização da linguagem coloquial.

As entrevistas foram ao ar, pela Rádio Universidade, nas terças-feiras, às 17 h 05 min, durante dezembro de 2001 e fevereiro de 2002.

5.1. A linguagem e a informação

Informação é tudo aquilo que desejamos saber para termos condições de avaliar a realidade de forma mais objetiva. De acordo com Lustosa (1996) o uso da expressão informação traz embutido um juízo de valor, pois trata de um fato ou acontecimento que possui elementos valorativos que justifiquem sua publicação como notícia nos veículos de comunicação de massa.

“O objetivo da informação como mensagem radiofônica é manter o ouvinte a par de tudo o que de interesse e atualidade ocorre no mundo” (Ortriwano, 1985, p.89).

O hermetismo da linguagem dificulta o entendimento das matérias sobre economia, tecnologia, sociologia pelos ouvintes. Fatos econômicos, por exemplo, sempre indicam situações que afetam a vida das pessoas, pois divulgam fenômenos ou medidas governamentais relacionadas com bens ou ganhos de uma parcela ponderável de pessoas. Essa problemática, muitas vezes, é proveniente de situações em que a divulgação atinge um público heterogêneo, em sua maioria, leigo em assuntos pertinentes à ciência.



Para Ramos (2001), quando a publicação é dirigida simultaneamente ao leitor especializado e ao leigo, a abordagem torna-se ainda mais incompatível. Por mais que o repórter dê um tratamento criterioso à matéria, um dos segmentos ficará em prejuízo. Não existe meio termo nesse caso. Porém, a autora defende que essas dificuldades não devem, necessariamente, inviabilizar a divulgação das atividades científicas, quando dirigidas a públicos distintos.

Pelo contrário, é um convite à compreensão, sobretudo de professores e pesquisadores envolvidos no processo, de que o conhecimento gerado tem que ser repassado à população (...), mesmo que, para isso, alguns conceitos complexos sejam simplificados, principalmente no Brasil onde, salvo algumas exceções, as pesquisas são custeadas pelo erário público, embora os investimentos governamentais no setor ainda deixem a desejar. (Ramos, 2001, p.268)

Acreditamos que hoje essa discrepância está mais atenuada. Exemplo disso, foi a preocupação que pesquisadores da UFSM, com os quais trabalhamos, demonstraram em relação a fazer o ouvinte entender o que eles estavam falando. Essa era a intenção do projeto. Dar pistas para ver se eles as seguiam.

6. Conclusão

O desenvolvimento deste projeto serviu para desmistificar alguns aspectos em relação ao Jornalismo Científico. O principal deles foi verificar que é possível o pesquisador falar em linguagem acessível ao público sobre suas pesquisas.

É necessário que cada indivíduo tenha acesso à imediaticidade do todo, no qual está inserido e, que possa participar do mundo sem precisar esperar por interpretações técnicas, científicas, oficiais ou autorizadas. Enquanto esse ensejo não é para todos, é obrigação dos profissionais de comunicação tentar amenizar essa problemática - traduzindo e divulgando o conhecimento científico e tecnológico.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Então, aqui se justifica a escolha pelo rádio. Neste veículo, a decodificação, a passagem da linguagem científica para uma linguagem mais assimilável é instantânea. O próprio entrevistado, motivado pelo entrevistador, se encarrega de explicar os jargões.

Em contrapartida a essa linguagem científica, aos neologismos, constatamos que os professores entrevistados utilizaram bastante o nível coloquial ou popular da linguagem através de expressões afetivas, obtidas com o emprego de diminutivos, aumentativos, interjeições e expressões populares. O uso de palavras de apoio foram usadas para manter o canal de comunicação com o entrevistado e, na sequência com o ouvinte.

Pudemos, ainda, constatar, via transcrição textual, que na língua oral o raciocínio dos entrevistados frequentemente é interrompido. Isso resulta em frases inacabadas.

Outro ponto é a questão das Ciências Sociais e Humanas serem, de certa forma, discriminadas, ou esquecidas quando falamos em ciência. As Artes e as Letras também sofrem essa marginalização. Atualmente é inadmissível, por exemplo, a lingüística, que é o estudo científico da linguagem ser desprezada quando falamos em ciência. Essa área vem despertando não só o interesse dos estudiosos, mas também do público em geral, pois ela está ligada com outras ciências que procuram explicar o comportamento e a evolução do ser humano.

No decorrer das análises, verificamos a constância do uso das funções de linguagem: referencial, fática e metalingüística. Aplicamos a linguagem referencial quando precisamos dar informações claras, transparentes, sem ambigüidades. Cabe à função fática prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação e à metalingüística é quando o código explica o próprio código. É quando falamos sobre poesia utilizando um texto poético.

Para produzirmos uma notícia, precisamos obter informações precisas e claras. Traduzir o conhecimento científico é necessário. Para isso, utilizamos dois níveis de linguagem díspares: a língua coloquial, típica do veículo rádio e a língua culta dos laboratórios, das salas de pesquisa.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O resultado da pesquisa atenta para o fato de que o uso do jargão científico pode ser uma forma de deter o poder. Mas fazer-se compreender é uma tarefa que só os mais sábios e sensíveis conseguem.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

BARBEIRO, H.; LIMA, P.R. Manual de radiojornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BOCK, I. A democratização do conhecimento através do jornalismo científico: uma experiência em jornalismo impresso. Santa Maria, 1994. Monografia (Faculdade de Comunicação Social), Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria.

BUENO, W.C. Jornalismo Científico e transferência de tecnologia.

In: Jornalismo Científico e Dependência: o caso Brasileiro. Brasília, CNPq, 1982. p.7-16.

_____. O jornalismo em tempos de Xylella: ampla cobertura mostrou que a boa ciência e sempre notícia. Pesquisa FAPESP. São Paulo. n. 51, p.7, março de 2000.

BURKETT, W. Jornalismo científico – como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1990.

CRUZ, C.H.B. Boa ciência no Brasil. O futuro da genômica no Brasil. Pesquisa FAPESP. São Paulo. n.51, p. 2, março de 2000. Suplemento.

FERRARETTO, L.A.; KOPPLIN, E. Técnica de redação radiofônica. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1992.

FERRARETTO, L.A. O veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

GARCIA, S.C.; BARRICHELO, E.M.R. Relatório de Pesquisa A relação entre o pesquisador e o jornalista: uma experiência no Centro de Ciências Rurais da UFSM. Departamento de Ciências da Informação: CCSH. UFSM, 2001.

GARCIA-ZAPATA, M.T.A. A divulgação científica no controle de doenças tropicais: um ponto de vista. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo – SP: Editora do IMS, 1991. p.103 – 112.

GARRETT, A. A Entrevista: seus princípios e métodos. Trad. Maria Mesquita Sampaio...[et al.]. 8.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1981.

GOMES, I.M.A.M. A divulgação científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LUSTOSA, E. O texto da notícia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MCLEISH, R. Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica [Trad. Mauro Silva]. São Paulo: Summus, 2001.

MELO, J.M. Impasses no jornalismo científico. Comunicação e sociedade – jornalismo científico; jornalismo brasileiro. Revista semestral de estudos de Comunicação. Campinas. Ano IV, n.7. p.19-24, março de 1982.

MELLO, V.P. Saber Ciência: a tradução da linguagem científica para a jornalística, uma experiência em radiojornalismo. Santa Maria, 1993. Monografia (Faculdade de Comunicação Social), Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria.

MEDINA, C. A. Entrevista. O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.

NASSIF, L. O jornalismo científico: é hora de formar profissionais com ampla visão. Pesquisa FAPESP. São Paulo. n. 47, p.5, outubro de 1999.

OLIVEIRA, Fabíola de. O Jornalismo como instrumento para a formação de uma cultura científica no país. (IN) DOWBOR, Ladislau, IANI, Octavio, RESENDE, Paulo-Edgar A, SILVA, Helio. Desafios da comunicação. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2001.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

OTRIWANO, G.S. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 3.ed. São Paulo,SP: Summus, 1985.

PRADO, E. Estrutura da informação radiofônica. São Paulo: Summmus,1989.

RAMOS, T. O jornalismo a serviço da ciência. Comunicando a ciência. Florianópolis-SC: ABJC, 2001.

Ribeiro, J.H. O jornalismo científico é jornalismo ou científico? Comunicando a ciência. Florianópolis-SC: ABJC, 2001.

SHERWOOD, H.C. A entrevista jornalística. [Trad. Aristides Barbosa]. São Paulo: Editora Mosaico Ltda,1981.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002